

LITERATURA E PRODUÇÃO DE SABERES

Aluna: Marina Aparecida Christovão Perry

Orientadora: Flavia Maria Schlee Eyler

Relatório Substantivo

1. Introdução

Projeto voltado para o drama trágico produzido pelo poeta Eurípedes em suas muitas peculiaridades abordando a incompreensão atribuída as suas produções teatrais nos mais diversos sentidos ao decorrer dos séculos, levando em consideração não apenas a situação histórica na qual o poeta em questão se encontrava, mas os problemas políticos, sociais e culturais que começavam a apontar o fim do sonho da *pólis* grega.

A maneira como Eurípedes vai inovar a cena trágica e tratar a fragilidade da boa criação ou conduta na peça intitulada Hécuba é o ponto central da discussão deste trabalho, tendo, também, como objetivo esclarecer como Eurípedes passa com imensa sutileza, porém de forma não menos impactante ao espectador, tais sinais que precedem essa ruína da sociedade grega incorporada em seus personagens trágicos sem nunca deixar de realçar a tensão trágica ou o momento trágico no qual o herói eurípidiano se encontra, tal como sua situação de *kátharsis* (purificação), *hamartía* (erro) e *hybris* (excesso) não necessariamente como Aristóteles as definiu na *Poética*.

A data na qual Hécuba foi escrita é incerta, porém acredita-se que tenha sido encenada pela primeira vez em Atenas no ano de 423 a.C, cidade onde Eurípedes foi educado e passou a maior parte de sua vida, embora tenha nascido na ilha de Salamina por volta de 485 a.C. Hécuba está inscrita na época da idade heróica helênica no momento em que os muitos heróis gregos reunidos, após anos de luta e ardis, finalmente derrubam a poderosa Tróia e repartem suas mulheres como prêmios de guerra aos muitos generais. Entre estas mulheres está a infeliz ex-rainha troiana e agora viúva Hécuba junto a sua filha, Polixena. Assim começa o drama, com a figura de uma Hécuba que perdeu quase tudo, porém aparece apenas rebaixada diante do infortuno que caiu sobre ela, sua prole e sua cidade; longe da cadela que Eurípedes vai

caracterizá-la ao fim da tragédia após ser tomada pelo *daimon* da vingança ao sentir o gosto da traição e da perda de seu último filho que julgava ainda viver a salvo fora dos muros arruinados de Tróia.

2. O Fantasma de Polidoro

Eurípedes opta por iniciar o drama de forma até então nunca vista e impactante. O fantasma de uma criança começa sua fala dizendo ser o filho assassinado dos Reis de Tróia, confiado aos cuidados do Rei Poliméstor do Quersoneso Trácio. Este, como amigo e hospede da realeza troiana deveria cumprir com sua palavra e zelar pela segurança e pela criação de Polidoro, porém o prólogo do jovem logo anuncia a traição do monarca que, movido pela ganância, mata-o pelo tesouro que lhe fora dado por Priamo, Rei de Tróia e seu pai. A criança que deixa o Hades para introduzir o quadro da trama de Eurípedes é bem tratado por Poliméstor até a morte de seu irmão e herói troiano, Heitor, que, após cair pelas mãos de Aquiles, marca o fim de sua cidade.

Poliméstor é descrito como um homem rico, dono de vastas e férteis terras nas quais impõem seu poder com facilidade, mas mesmo diante de tanta riqueza ele escolhe atentar contra a vida de uma criança inocente e indefesa, sem se quer dar aos seus restos mortais um fim digno. Então, o que o autor deseja mostrar com essa atitude? Simples, ele acerta em cheio o problema do homem em relação a sua criação e caráter; em outras palavras, é uma questão sobre o que torna um homem bom e sobre o que o torna ruim.

A fragilidade do caráter humano, personificado na heroína Hécuba, parece ser o que o autor propõe de forma central na peça sem pudor em evidenciar, fragmentar e contestar aquilo que para o homem grego era essencial: A criação. Esta, diretamente ligada à formação do bom caráter, deveria fazer de um Rei, de um príncipe e de um cidadão uma pessoa de comportamento exemplar, porém vê-se que Eurípedes não apresenta a coisa dessa forma tradicional. O fato de Poliméstor ser um Rei e, por isso, ter crescido em ambiente excelente não impediu que ele assassinasse o filho mais novo de seu grande amigo – Priamo – e hospede em sua casa por ganância. Todos os seus anos da amizade com a realeza troiana e sua palavra de proteger e criar Polidoro de nada valeram diante da possibilidade de aumentar seu tesouro pessoal. Vale ressaltar que Poliméstor não trai apenas a Priamo e Hécuba, ele trai também o *nómos divino* de Zeus que

faz dos hóspedes pessoas intocáveis sobre punição de ser jogado nas profundezas do Tártaro caso esse costume seja quebrado.

Eurípedes instala desde a primeira fala da tragédia um universo onde as aparências enganam, onde a boa criação não é sinônimo de confiabilidade e a oportunidade de mostrar-se bom depende exclusivamente da boa-fé de outro. Polidoro, em certo ponto de sua fala, diz ter sido tratado como uma planta: “... *Fui bem tratado pelo anfitrião da Trácia que se dizia tão amigo de meu pai; como se fosse um tenro, delicado arbusto, graças aos seus cuidados eu ia crescendo...*”¹. Esta comparação do crescimento humano com o de um vegetal alimenta uma metáfora – usada também por Hécuba, como será mostrado mais a frente – de que o homem necessita dos mesmos cuidados para se desenvolver de maneira correta assim como uma planta frente às adversidades do mundo exterior. Ambos necessitam, simultaneamente, serem protegidos desse mundo exterior e acolhidos por ele, incorporando ou rejeitando elementos desse mundo ainda fora do seu alcance. E uma vez que se torne adulto, um grande homem deve manter firme seu caráter e suas convicções frente a qualquer adversidade, tal como uma grande árvore deve resistir ao vento forte segura pelas raízes fincadas ao solo fértil que ajudou a gerá-la.

Há bastante coerência na relação feita entre o homem e a planta, porém Eurípedes coloca em cheque as reações humanas frente às adversidades e também oportunidades. Poliméstor, diferentemente de Hécuba, é levado pela oportunidade e pela ganância a matar o filho de Priamo. O Rei da Trácia cresceu em excelência, mas se mostrou um homem fraco, pouco convicto e mentiroso; um homem de falsa aparência e um verdadeiro perigo para o mundo grego calcado nos laços de amizade (*philia*) e nos olhares.

Quanto ao jovem Polidoro jamais saberemos a natureza de seu caráter ou a eficácia de sua criação, afinal ele foi morto covardemente assassinado antes que pudesse mostrar ao mundo seu *Ethos*.

3. Polixena e o *nómos*.

Sai o fantasma de Polidoro.

Na primeira metade da tragédia, Hécuba, que ainda desconhece a condição de seu filho e a traição de Poliméstor, encontra-se num estado de tristeza profunda, pois em pouco tempo

¹ EURIPEDES. *Hécuba*. vs. 31-34.

decaiu de rainha para viúva e escrava. Se antes tinha um palácio cheio de filhos e riquezas, agora está submetida à escravidão dos vencedores e lhe restam poucos de sua descendência. Está abatida, porém seu estado atual em nada se compara com o declínio que começa agora e que a transformará numa “cadela”. Após um sonho perturbador onde um lobo mata uma corça encima do tumulo de Aquiles, a já aflita Hécuba recebe a noticia de que sua filha será dada em sacrifício aos heróis gregos mortos em batalha, em especial Aquiles. O desespero de uma mãe é logo evidenciado pelas lamurias da personagem, mas a surpresa esta na reação do sacrifício, Polixena, ao saber que será morta. Ela nega-se a chorar por sua sorte, mas chora pelas múltiplas desgraças que caem sobre sua mãe naquele momento. E já aceitando seu destino funesto fala para Hécuba, penalizada diante do destino desta e não do seu próprio:

“Ah! Tu, que foste posta à prova assim de modo do tão cruel, desnorreada por tantas aflições, mãe cuja vida é a tal ponto deplorável (...) É tua vida mãe infortunada, que me faz soluçar e lamentar-me angustiosamente; quanto a minha, esta existência cheia de vergonhas e ultrajes, não a choro; para mim, morrer será até uma ventura.”²

Temos, em Polixena, uma jovem nobre que se entrega ao sacrifício para não ter mais manchas em vida. Ela escolhe morrer de bom grado e precocemente para, por exemplo, não viver como escrava ou arriscar passar pelos males que sua mãe passou. Em suas próprias palavras expressa o que para ela é o pior dos destinos: *“A desventura máxima é viver sem honra”*³. Há muita dignidade na filha de Hécuba, uma dignidade que não se deixa sequer ter tempo para corromper-se diante das reviravoltas do destino, diferentemente do que acontecerá com a ex-rainha como veremos mais a frente.

Num retrato que parece ser de maturidade e caráter puros, Polixena encarna valores do *nómos* grego na sua forma mais evidente, pura e incorruptível. Pois até no momento de sua morte ela trata de cair de forma respeitável e pudica, despertando assim tamanha admiração no exercito que nenhum homem pensa sequer em violar seu corpo abatido sobre o tumulo de Aquiles e até seu carrasco hesita em tirar-lhe a vida diante de uma atitude tão nobre e corajosa. Não há suplicas por parte de Polixena pela própria vida, mesmo diante do pedido e do sofrimento da mãe, ela se nega a abraçar os joelhos de Odisseus e implorar para que não a leve em direção a

² EURIPEDES. *Hécuba*. vs. 250-272

³ EURIPEDES. *Hécuba*. vs. 507

morte certa. Assim a personagem escolhe morrer intacta, tanto moralmente quanto fisicamente (por se tratar de uma virgem), tendo sua atitude linda e brilhantemente louvada numa fala do Corifeu: *“É muito forte a marca da boa origem, glória maior entre os mortais, e seu renome cresce ainda mais nas criaturas dignas dela.”*⁴.

4. Hécuba como cadela

Chegamos à heroína da tragédia e sua decadência. Embora consolada pela coragem e nobreza de Polixena, Hécuba tomou mais um golpe do destino e agora lhe resta apenas mais um filho que a própria teme não estar mais vivo, pois tamanha tem sido sua desventura nos últimos anos que tal fato não seria grande surpresa. Ao que podemos perceber ao longo da peça é que, pouco a pouco, há uma perda de confiança naquilo que é humano. Hécuba, assim como Polidoro, vai usar uma metáfora envolvendo o crescimento e o cultivo das plantas com o desenvolvimento humano para expressar suas dúvidas em relação às pessoas que a rodeiam, dizendo:

*“Não é estranho que uma terra pouco fértil se os deuses a favorecem com bom tempo produza espigas belas, e outra ótima, se lhe faltarem os cuidados necessários proporcione uma colheita desastrosa? Entre as criaturas humanas, todavia, as pessoas más mostram-se invariavelmente más, e as boas serão somente boas, sem que os outros possam mudar sua própria natureza perenemente boa... Atribuímos à hereditariedade o mérito exclusivo ou, ao contrário, a uma boa educação? O aprendizado é a escola da virtude. Quem adquiriu conhecimento é capaz de distinguir o mau do bom graças a eles, guiando-se pelas diretrizes do bem...”*⁵

Diferente de Polixena, ela já se mostra incapaz de julgar alguém como inteiramente bom através de sua nobreza familiar ou criação, pois nada do que ela fez em momento algum lhe foi retribuído. Um exemplo disso é sua cena diante do filho de Laertes onde ela, suplicante diante de Odisseu, pede pela vida de sua filha, pois uma vez ela própria havia salvado o herói grego de ser

⁴ EURIPEDES. *Hécuba*. vs: 508-510.

⁵ EURIPEDES. *Hécuba*. vs: 789-802.

descoberto em Troia. Porém ele nada faz por ela, mesmo sabendo que só estava vivo porque ela atendera ao seu suplicio no passado. Hécuba parece, ao contrario de sua filha, deixar o *nómos* de lado para entregar-se aos poucos a um estado natural que será evidenciado por Eurípedes em sua transformação ao fim da tragédia em algo que não pertence mais ao mundo dos homens, ou seja, nem a *pólis* e nem ao *nómos*. Este estado natural é a *physis* que engloba as forças do mundo fora da *pólis* e seu *nómos*.

Ao ver o corpo retalhado do ultimo filho que lhe restara ela entra num estado de abandono das virtudes e costumes; após ver que foi traída por Poliméstor nada mais lhe importa além da vingança. E é nesse momento que a tensão trágica de Eurípedes aparece de forma diferente, pois não envolve a heroína e uma escolha obrigatória ou uma situação que independa da vontade de Hécuba. Ela, tomada pelo *daimon* da vingança, vai decidir causar um malefício a Poliméstor por conta própria; a tensão envolve a heroína e ela mesma. Outro aspecto interessante é que em momento algum ela vai sentir remorso, culpa ou hesitação. Pelo contrario, pela primeira vez na peça ela terá apoio, pois o Rei Agamêmnon se apieda da sorte de Hécuba e concede que ela pratique sua tão desejada vingança. Vingança que será praticada somente por mulheres troianas através de um bolado ardil que usará a ganância do Rei trácio contra ele mesmo e seus filhos.

Já ao fim da tragédia o Rei Agamêmnon, em complô com Hécuba, manda chamar Poliméstor e seus filhos as praia do acampamento grego, pois a ex-rainha deseja tratar de um assunto com ele. Poliméstor vem acompanhado de seus filhos obedecendo à mensagem transmitida por Hécuba e esta, ao vê-lo, diz: “*Diante de quem já me viu muito feliz, leva-me o meu pudor a sentir claramente a miserável condição que cheguei; falta-me animo para te olhar nos olhos (...) Por causa de nossos costumes, nós, mulheres, não temos permissão para encarar os homens.*”⁶. Do ponto de vista no *nómos* grego o erro trágico de Hécuba começa ai, pois ela deveria aquietar-se diante da situação já que o *nómos divino* de Zeus fora violado quando Poliméstor matou Polidoro e isso condenaria de imediato o Rei da Trácia ao Tártaro; em outras palavras, sua *hamartía*, seu erro, começa ai. Porém ela escolhe fazer justiça com as próprias mãos e descaradamente mente para o Rei, pois o motivo pelo qual ela não o olha nos olhos não é o apresentado na fala da personagem citada acima. A fala de Hécuba diz respeito a algo que o grego valorizava ao extremo: O olhar. Num mundo baseado nas aparências o olhar diz muito ou

⁶ EURIPEDES. *Hécuba*. vs. 1270-1277

tudo sobre uma pessoa. Os olhos se tornam uma espécie de janela para que se possa transmitir e receber confiança, ou seja, o simples ato de se relacionar está extremamente ligado ao olhar para a sociedade grega. Hécuba julga que Poliméstor não é mais digno de receber ou trocar olhares com outros semelhantes, por isso ela toma a decisão de cegá-lo e não de matá-lo.

Como Martha C. Nussbaun⁷ nota: O *nómos* da confiança e a confiança de Hécuba no *nómos* estão destruídos.

*“Em certas condições externamente causadas, toda a pessoa normal, razoável há de se tornar cética e repleta de suspeitas (...) Mas junto com esse abandono de sinceridade vem uma perda de bondade. Se os discursos e juramentos não mais parecem confiáveis, se questiono tudo e procuro a traição por trás de toda a expressão de amor, simplesmente já não sou uma pessoa nobre; talvez já nem seja mais uma pessoa.”*⁸

Esse parece ser o destino final que Eurípedes prepara para a heroína em questão. O abandono da confiança trás a necessidade de algo novo que substitua a vazia deixado por ele. A ex-rainha vai preencher esse vazio com uma forma de justiça que ela julga certa e urgente... Ela vai agir com as próprias mãos cegando Poliméstor, vai se vingar dele e tirar-lhe a luz do mundo, assim como ele a “cegou” ao traí-la e matar seu filho. Sua vingança, contudo, não cai somente sobre o próprio assassino de seu filho, pois Hécuba pede para que seus filhos o acompanhem ao seu encontro. O que ela planeja para os jovens filhos do rei é a morte, retribuindo cada gesto do tráficio como ela acha que devia ser feito. Ao fim, temos uma mulher que se vinga por completo, tornando-se incapaz de voltar a confiar no *nómos* e entregue as forças naturais da *phýsis*.

Conclusões preliminares:

Eurípedes é caracterizado na clássica frase de Aristóteles como “O mais trágico dos tráficios”. Mas porque Aristóteles afirmaria isso? Como ultimo dos grandes dramaturgos, Eurípedes vive num conturbado momento na Grécia e esta crise aparece de maneira evidente em

⁷ In *A fragilidade da bondade*, WMF Martinsfontes, São Paulo, 2009. p.360-367.

⁸ In *A fragilidade da bondade*, p. 356.

sua obra. A Atenas soberba de Péricles impunha seu poder de forma tirânica e logo aquilo minaria os princípios da *pólis* e do *nómos*. A visão do autor em questão retrata em seus escritos a questão da tragédia cultural que acontecia bem diante de seus olhos pelos arredores de Atenas.

Como vimos ao decorrer do projeto, a mistura elementos na tragédia euripidiana cria um mundo dual e escorregadio, onde classificações se tornam difíceis e seu encaixe num modelo como, por exemplo, o de Aristóteles apresentado em sua obra *Poética*, quase impossível. Não há um momento pontual de *hamartía*, *hybris* ou *kátharsis*, mas isso não quer dizer que tais elementos não estejam presentes na obra. Há quem veja a atitude de Hécuba de cegar Poliméstor e matar seus filhos como uma *hamartía*, mas quem nos garante que esta sofrida mãe não entrou num estado de *kátharsis* ao vingar-se do homem que lhe enganou, roubou a luz de seus olhos e lhe causou tantos males gratuitamente?

BIBLIOGRAFIA:

- NUSSBAUM, Martha. *A fragilidade da bondade*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- ARISTÓTELES. *A Poética Clássica /Aristóteles/Horácio/Longino*; introd. Roberto de Oliveira Brandão. São Paulo: Cultris, 2005.
- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Bauru, São Paulo: Edipro, 2002.
- GAZOLLA, Rachel. *Para não ler ingenuamente uma tragédia grega*. São Paulo: Edições Loyola, 2001.
- ÉSQUILO; KURY, Mário da Gama (Trad.). **Os persas/Ésquilo; electra/Sófocles; hécuba/Eurípides**. 5ª ed Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- JAEGER, Werner Wilhelm. *Paideia: a formação do homem grego*. Editôra Herder: São Paulo.